



INICIAÇÃO À DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS: PROCESSOS (PER)FORMATIVOS

Autor(es): EDUARDO JUNIO SANTOS MOURA

Este trabalho pretende contribuir com a ampliação do debate acerca do campo epistemológico da formação inicial e professores de artes visuais, problematizando tal campo a partir das ações empreendidas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência ? PIBID pensadas como processos (per)formativos para a docência em artes visuais na Educação Básica. Desde o ano de 2010, envidamos esforços em investigações que têm o PIBID como foco, cujo escopo traz as generalizações em torno da formação docente, mas com maior interesse as especificidades e interdependências do campo de formação inicial para docência em artes visuais. Neste trabalho, numa perspectiva de abordagem geral, importam-nos o PIBID como política de formação complementar do professor que atuará na Educação Básica e, em uma abordagem específica, o engendramento de discussões sobre os aspectos de uma formação estética, crítica e criativa, não como exclusivos, mas indispensáveis ao professor de artes visuais. Nessa perspectiva, cabe pensar os entremeios da formação para a docência em artes visuais, um campo fluido, que abriga, ao mesmo tempo, generalidade e especificidade, diversidade e complexidade, afinidades e aspectos próprios. Nossa intenção é trazer ao debate os deslocamentos possíveis na formação dos professores de artes visuais a partir dos processos (per)formativos, no sentido de problematizar um pensar/agir formativo que, simultaneamente, lança olhar crítico sobre o PIBID como política de formação de professores e articula processos formativos explorando as possibilidades da iniciação à docência como complemento e como elemento integrador da formação ofertada no âmbito das licenciaturas em artes visuais. Assim, questionamos: quais as possibilidades de se pensar o PIBID como processos (per)formativos para a docência em artes visuais? Quais os deslocamentos possíveis para a formação inicial em artes visuais nesses processos? Nesses processos, há espaço para pensar a tensão entre a crítica ao PIBID como política de formação complementar e as possibilidades de, a partir do programa, promover uma formação emancipadora; assim, na busca por esse entrelugar, há uma perturbação dos dualismos, dos sectarismos, dos separatismos e dos pensamentos binários que rondam a formação para a docência em artes visuais, como arte-educação, teoria-prática, universidade-escola.